Morte como fator de desenvolvimento *

WILMA COSTA TORRES **
WANDA G. GUEDES
THEREZINHA H. EBERT
RUTH COSTA TORRES

O presente artigo analisa a morte como fator propulsor do desenvolvimento humano em todos os seus níveis: infância, adolescência, meia-idáde e velhice.

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, há períodos estáveis, intercalados de fases críticas, que se caracterizam pela mudança de direção ou períodos de rápida transição. A problemática da morte apesar de ser até bem pouco tempo nos meios acadêmicos e científicos reprimida pelo silêncio é um dos fatores presentes e atuantes em todo o desenvolvimento humano, e, sobretudo, nesses períodos críticos de passagem que como grandes marcos ponteiam e iluminam o evoluir e o caminhar sempre misterioso e por vezes trágico do ser humano. Todo ser humano tem a capacidade de tornar-se uma pessoa especial e única, diferente de qualquer outra que já existiu ou existirá. Mas esta capacidade de auto-realização, para ser amplamente desenvolvida e atualizada, requer o reconhecimento da própria finitude, pois, como diz Ziegler (1977), é a morte que dá a vida na medida em que impõe a consciência da finitude da existência. É ela que singulariza e torna única a existência de cada ser humano. Na verdade não existe nenhuma conduta individual ou coletiva que não seja de alguma maneira investida, amoldada pela experiência da morte. Nenhum projeto sem ela se realiza, pois ela é que impulsiona o grande projeto da vida.

* Artigo apresentado à Redação em 13.7.82.

** Psicólogas do Programa de Estudo e Pesquisas em Tanatologia do CBPP/ISOP. (Endereço da autora: Rua Conde de Bonfim, 801/302 — Tijuca — Rio de Janeiro, RJ.)

Portanto, a idéia da morte é uma presença, é um fator propulsor do desenvolvimento em todas as suas etapas e em todos os seus planos: cognitivo, afetivo, social e metafísico. Na psicologia, quem melhor compreendeu isto foi a psicanálise existencial, quando explica todas as etapas do desenvolvimento como formas de protesto universal contra o acidente da morte.

O objetivo do presente artigo é o de focalizar a morte como fator de desenvolvimento na infância, na adolescência, na crise da meia-idade e na velhice.

Adah Maurrer (1974) enfatizou as experiências da criança com o dormir e o despertar, como o aparecer e o desaparecer tal como nos jogos de *peek-a-boo,* como uma das etapas iniciais da aprendizagem sobre o "ser e o não ser, o viver e o morrer". Chamou ainda atenção para o fato de que quando uma criança pergunta "de onde vêm os bebês?" ela não está de modo algum fazendo uma pergunta pura e simplesmente sobre a sexualidade adulta, mas também uma pergunta profundamente religiosa e filosófica sobre a não-existência. Ainda para esta autora, o conceito de infinito é gratificante porque o equacionamos com imortalidade. Não importa quanto você conte, você poderá contar mais, e é isto que é a imortalidade; não importa quanto você tenha vivido, você viverá um outro ano, dia, minuto. Este é o nosso desejo básico, alcançar o infinito. E porque também as crianças amam o infinito e lutam por ele é que falam de milhões, trilhões, etc.

Do ponto de vista cognitivo, o encontro da criança com a idéia da morte desempenha um papel fundamental sobretudo por volta dos 6-7 anos, como enfatizou Piaget (1961) há mais de 40 anos. A idéia da morte põe a curiosidade da criança em movimento determinando um salto no desenvolvimento da noção de causalidade. Assim, nas primeiras idades toda causa está ligada a um motivo ou intenção de um inventor — o que corresponde a uma noção de causalidade motivacional ou psicológica. A idéia de morte surge então como algo inesperado, fortuito e misterioso por excelência e que por não caber no tipo de explicação que a criança até então dava para todas as coisas, vai requerer um tipo de explicação especial, fazendo com que ela ultrapasse o estágio de puro finalismo para chegar à noção de causalidade estatística ou probabilística. A proposição de S. Anthony (1972) é a de que todo pensamento que provoca uma etapa no desenvolvimento intelectual pode ser colocado na categoria criativa, daí a importância da idéia de morte. Aprofundando as considerações de Piaget, demonstra como a criança progride realizando uma série de descobertas, chegando, intelectualmente, à concepção das leis da natureza e da causalidade operando em acordo com tais leis. Ao estabelecer a relação entre morte e humanidade como uma categoria na qual está logicamente incluída, a criança atinge o máximo de seu desenvolvimento no que concerne à noção de causalidade.

Também a adolescência como uma etapa crítica de passagem é fortemente afetada pela idéia da morte. No nível cognitivo, as idéias abstratas sobre a morte ultrapassam o que é observável. Utilizando seu pensamento formal, o adolescente começa a teorizar sobre o que sucede depois da morte, a levantar hipóteses e fazer inferências sobre

as possibilidades da outra vida. Estas inferências no plano lógico, por sua vez, vão suscitar no adolescente as primeiras grandes dúvidas metafísicas. Paradoxalmente, entretanto, apesar da idéia da morte levar o adolescente a descobrir-se como ser metafísico, e, portanto, a ampliar sua dimensão ontológica, o problema da morte pessoal não é vivido nesta etapa. O adolescente não é atingido pela idéia da morte pessoal, colocando-a como distante de um futuro imediato. Kastenbaum (1959), que trabalhou as noções de passado e futuro e como essas noções se relacionam com a idéia de morte, conclui que o adolescente vive em um presente intenso. O agora é tão real para ele que o passado e o futuro parecem diluídos. Tudo o que é importante e valioso na vida reside quer em uma situação imediata, quer em um futuro muito próximo. Kastenbaum (1959), entretanto, interpretando seus achados, rejeita a hipótese de que o adolescente evita a qualquer preço uma reflexão de ordem histórica e sugere que a maneira pela qual nossa cultura ocidental trata os velhos é que leva os jovens a manterem o viés em direção ao presente. Concordamos apenas em parte com essa interpretação, pois acreditamos que este estar no presente do adolescente revela que algo mais fundamental está ocorrendo no plano existencial. Nossa hipótese é a de que o dilema existencial do homem, tal como enfatizado pela psicanálise existencial, é sobretudo crítico na adolescência. O adolescente é, mais do que o homem de qualquer outra etapa, um ser bipartido, pois ao mesmo tempo que a aquisição do pensamento formal lhe possibilita uma maior percepção de sua condição de ser simbólico, também sua exuberância vital lhe impõe uma maior percepção de sua condição física — de que ele tem um corpo que não obstante ele ainda não admite ver como um corpo que dói, sangra e morre por causa dessa mesma exuberância física. Daí esta exacerbação do presente, a necessidade de colocar todos os projetos importantes da vida nessa etapa poder ser interpretada como uma defesa maníaca contra a vulnerabilidade, a finitude, a morte. Defesa esta que irá perdurar até a fase inicial adulta.

Essa fase maníaca do fazer e do realizar, como chama a atenção Elliott Jacques (1965), em seu clássico artigo sobre a crise da meia-idade, é uma defesa contra dois aspectos fundamentais da vida: a inevitabilidade da morte e a existência do ódio e dos impulsos destrutivos que existem dentro de cada pessoa. É a entrada no plano psicológico da realidade e inevitabilidade da própria morte pessoal que vai constituir a característica central e crucial da crise do meio da vida — por volta dos 35 anos. Nessa fase, a morte em nível consciente, em vez de ser uma concepção geral ou um evento experimentado em termos da perda de alguém, se torna um assunto pessoal — a própria morte, a própria mortalidade. A realidade de nossa própria morte força a nossa atenção sobre ela que não mais pode ficar "arquivada" ou "projetada" como acontecia em fases anteriores. É evidente, diz Elliott Jacques (1965), que esta crise da meia-idade é uma crise depressiva — em contraste com a da adolescência, que tende a ser esquizo-paranóide. A meia-idade é uma fase tão crítica quanto a adolescência mas em alguns sentidos mais perturbadora, pois enquanto na adolescência e no início da fase adulta facilmente podemos nos desviar de um lado escuro, passar de um a outro canal novo de atividades, estender nos-

sa potência em todas as direções — porque o corpo é mais forte, a sexualidade está no seu auge e são possíveis as melhores realizações — e dessa forma nos defendermos da verdade inadmissível, nessa fase, de que ninguém tem tudo para sempre, ao atingirmos a meia-idade essas defesas começam a se desgastar e sobrevem a depressão, com o confronto da morte pessoal, o declínio físico, a perda da juventude, o embaçamento dos papéis profissionais e o questionamento espiritual. Como diz Gail Sheehy (1979) "é motivo para nos pormos de luto, pois uma velha personalidade está moribunda".

Ainda, como diz Gail Sheehy (1979), "é assustador pisar a ponte estreita e balouçante que conduz à segunda metade da vida", pois é uma crise que para ser permitida e assumida implica coragem na medida em que equivale a uma descida aos infernos. Tanto assim que muitas pessoas entrevistadas por esta autora, ao se referirem a esse período, assim se expressaram: "Realmente passei por um inferno durante alguns anos e estou acabando de sair dele." Aliás, também as estrofes iniciais de Dante, em *A divina comédia*, por ele escrita aos 37 anos:

> "A meio do caminho desta vida
> achei-me a errar por uma selva escura
> quando a via veraz deixei perdida.
> Ah! descrever não posso esta espessura
> esta selva selvagem densa e forte,
> que em relembrá-la a mente se tortura!
>
> Ela era amarga, quase como a morte!"[1]

poderiam ser interpretadas, segundo Elliott Jacques (1965), ao nível mais profundo como a cena de abertura de uma descrição viva da crise emocional da fase do meio da vida, uma crise que teria avassalado a mente e a alma do poeta, independentemente de sua perspectiva religiosa ou da instabilidade e solidez de seus negócios externos.

A crise da meia-idade é tão trágica que tem sido documentada pela psiquiatria como explicação para o fato de tantas pessoas altamente diligentes e criativas se liquidarem em meio dos 30, sendo mais dramática ainda a constatação de que podem morrer disso. Assim, o mesmo Elliott Jacques (1965) chama atenção para o impressionante fenômeno que acontece com a percentagem de morte entre os artistas criativos, nesta etapa. Verificou, tomando uma amostra aleatória de 310 pintores, escultores, compositores e poetas de talento superior, que a taxa de mortalidade mostra um salto súbito entre 35 e 39 anos, período no qual está muito acima da taxa de mortalidade normal. Há então uma queda sensível para baixo da taxa normal de mortalidade entre as idades de 40 e 44 anos, seguida de uma volta ao normal no fim dos anos 40. O grupo por ele estudado inclui Chopin, Mozart, Rafael, Rimbaud, Purcell, Baudelaire, Watteau, etc.

Esta crise traz consigo o desespero de uma descida aos infernos porque implica permitir que, como diz Gail Sheehy (1979), "o lado

[1] Alighieri, Dante. *A divina comédia*. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976. Canto I, p. 85-6.

escuro se abra e uma legião de demônios se liberte". Tudo aquilo que não ficou resolvido em passagens anteriores voltará à tona para nos perseguir. Partes sepultas em nós exigirão incorporação ou pelo menos deverão ser vistas para serem abandonadas. E se deixarmos que o lado escuro se abra veremos que somos egoístas, cobiçosos, competitivos, medrosos, dependentes, ciumentos, possessivos, isto é, que temos um lado destruidor; se deixarmos que o lado escuro se abra daremos ainda de cara com a limitação de nossa própria existência, e este será um momento imenso e precário — de imobilizante terror no qual a maioria de nós quererá recuar. Mas, se durante a crise a sensação é de colapso, é ela que vai permitir, caso seja elaborada o atingimento da fase adulta madura, pois é quando a morte e a destrutividade humana, isto é, tanto a morte como o instinto de morte, são levados em conta que o homem se volta para o trágico, o reflexivo, o filosófico e adquire uma aceitação construtiva em relação às imperfeições do outro e às suas próprias imperfeições, o que lhe proporcionará serenidade na vida e no trabalho. Não se trata, portanto, apenas de uma crise de desmantelamento, ela traz consigo a possibilidade de renovação e da mais completa e cabal autenticidade. Permitindo a desintegração, aceitando a limitação do tempo, assumindo as partes suprimidas e indesejadas, partimos para uma personalidade mais integrada, crescemos e ampliamos o nosso desenvolvimento. Portanto, aqueles que insistem em manter as defesas maníacas para negar o lado da descida e a marcha do tempo perdem a oportunidade de algo maior — a oportunidade crítica de desenvolvimento. Pagam o preço do empobrecimento emocional, empobrecimento que se reflete na ênfase do exterior e superficial, na preocupação hipocondríaca com a saúde e aparência, mais *cooper*, mais cirurgia plástica, promiscuidade sexual a fim de provar a juventude e a potência, investimento compulsivo no mundo dos negócios, etc. A superação da crise, ao contrário, leva a um aprofundamento do conhecimento e da compreensão. Autênticos valores podem ser cultivados — de sabedoria, fortaleza e coragem, uma maior capacidade para o amor, a afeição e o *insight* humano — qualidades cuja autenticidade origina-se, como vimos, na aceitação consciente da própria finitude e da própria fraqueza, isto é, da morte e dos impulsos destrutivos, bem como da maior capacidade de sublimação que acompanha a verdadeira maturidade e a verdadeira serenidade.

Finalmente focalizaremos a última crise da vida humana, a da velhice, e o papel que, também, nela a morte desempenha como fator de desenvolvimento.

A velhice é uma etapa do desenvolvimento físico e psicológico de todo ser humano. Portanto tratar os anos mais tardios como se fossem um apêndice doentio da vida e não uma conclusão vital é parte da neurose de nosso tempo.

O fator decisivo de mudança dessa etapa é a consciência da proximidade da própria morte pessoal e conseqüentemente a ausência de perspectiva de futuro. Compreende-se assim o medo da velhice, detectado como medo da morte, o recuo e a repulsa diante dela. Esse recuo e essa repulsa refletem-se em todas as ciências humanas, incluindo a psicologia, cujos livros sobre desenvolvimento geralmente só se desen-

volvem até a adolescência, nada ou pouco dizendo a respeito das demais etapas e também na literatura, como chama atenção Simone de Beauvoir (1976), sendo o *Rei Lear* — de Shakespeare — uma das únicas grandes obras cujo herói é um velho. Nessa obra a velhice é concebida como a verdade da condição humana. É partindo dela que se deve conceber o homem e sua aventura terrestre.

É preciso ressaltar que essa etapa de crise tem suas características próprias que não obstante são exacerbadas e talvez até mesmo deformadas pela atitude de nossa sociedade.

Os aspectos psicológicos de uma sociedade eminentemente tecnocrata e pragmática, deslocando, reprimindo e negando a idéia de morte, desvalorizam e marginalizam a velhice. Impedem que a idéia da morte seja trabalhada e vivida nessa etapa, levando o velho a ver na morte apenas uma saída desesperada. Inserida em nosso contexto sócio-cultural a velhice sofre uma série de pressões e influências que uma vez introjetadas acabam por fragilizar, para não dizer imbecilizar, essa última fase do desenvolvimento. Assim, muitos dos aspectos psicológicos da velhice — ausência de motivação, inapetência, indiferença intelectual, tédio, sentimento de decadência, insegurança e maior dependência afetiva, refúgio em hábitos obsessivos, avareza, ruptura de comunicação — são características próprias dessa fase mas que, entretanto, são reforçadas, de um lado, pela hostilidade de nossa sociedade em relação ao velho, e de outro, pelos próprios velhos como defesa contra esta mesma sociedade hostil.

Essas características reforçadas por esse jogo de dupla entrada contribuem para bloquear o desenvolvimento, para obscurecer todo o sentimento de dignidade, tolerância, confiança, espiritualidade e doação que podem se robustecer nessa fase, mas que podem também se perder caso o velho se permita oprimir emocionalmente e se recuse a trabalhar a idéia da proximidade de sua morte. Na medida em que o velho já ultrapassou o difícil confronto de sua finitude na crise da meia-idade, se ele se permitir trabalhar nessa etapa a iminência de sua morte alcançará uma libertação que se vai refletir em sensível diminuição do medo da morte; na cessação da necessidade de manter uma auto-imagem que restringe tanto quanto uma doença ou um defeito físico. Os jovens necessitam de uma imagem, de uma boa imagem de si próprios para que possam se sentir amados e produtivos. O velho, porém, já acumulou tanta experiência na vida que não precisa agarrar-se a essas primitivas imagens. Elas somente embaraçam o caminho; vai se refletir, ainda, na espiritualidade, o que inclusive pode atenuar o sentimento de solidão, pois o lugar exato do sentimento religioso pode estar dentro do eu, embora sempre se relacione ao mundo e sua transcendência. Somos espirituais desde o começo da vida, mas pode acontecer, e freqüentemente acontece, que no decorrer da vida, por causa da inflada necessidade de formar, manter e alimentar nossa imagem, este sentimento seja reprimido e com isto se esmaeça, se perca, se desvirtue. Como as pessoas mais velhas já não precisam da importância de sua imagem podem desenvolver mais livremente sua espiritualidade; finalmente reflete-se na libertação do "fazer" para o "ser". Um dos valores básicos omitidos na sociedade competitiva em que vivemos é a bondade. A velhice nos leva a perceber que não basta

sermos úteis à sociedade porque produzimos. Precisamos ser bons para conosco e para com os outros.

Cada etapa de nosso desenvolvimento implica, portanto, abandonar trilhas conhecidas e abandonar velhos padrões, e isto é como morrer. Porém, viver sem mudanças não é viver. Competir com uma existência de mudanças é uma luta. Mas só através de uma existência de mudanças experimentamos a nós mesmos como pessoas completas. É preciso, portanto, como dizem Ben Weininger e Eva Menkim (1979), "aprender a manter o sol em nossas vidas, não importa quão difícil e dolorosa seja a crise evolutiva". É preciso aprender a aprender algo da dor e não ser engolido por ela.

Summary

This article analyses death as a propulsor factor of the human development in all its levels: childhood, mid-life and oldness.

Referências bibliográficas

Anthony, Sylvia. *The discovery of death in childhood and after.* New York, Basic Books, 1972.

Beauvoir, Simone de. *A velhice.* São Paulo, Difel, 1976.

Jacques, E. Death and the mid-life crisis. *The International Journal of Psycho-Analysis, 46:* 502-13, 1965.

Kastenbaum, R. Time and death in adolescence, In: Feidel, H., ed. *The meaning of death.* New York, McGraw-Hill, 1959.

Maurrer, Adah. Intimations of morality. *Journal of Clinical Child Psychology, 3*(2): 14-7, Summer 1974.

Piaget, J. *A linguagem e o pensamento da criança.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

Sheehy, Gail. *Passagens.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

Weininger, B. & Menkim, Eva. *Envelhecer é viver.* São Paulo, Brasiliense, 1979.

Ziegler, J. *Os vivos e a morte.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977.